

DOIS SONETOS DOS IRMÃOS VIEIRA

Alfredo Maceira Rodríguez (UCB)

RESUMO

Apresentação e análise de dois sonetos: um de Bernardo Vieira Ravasco a seu irmão Padre Antônio Vieira e outro do próprio Padre em resposta. Os sonetos não têm título e foram compostos com a sílaba **pa**, no final de cada verso.

PALAVRAS-CHAVE: Vieira, sonetos, análise

INTRODUÇÃO

Na edição diplomática de um códice da Biblioteca de Évora, que tem como título *Poesias de Gregório de Matos*, organizada pelo Prof. José Pereira da Silva em 1997 e publicada pela UERJ / DIGRAF, encontram-se dois sonetos: um da autoria do então Secretário do Estado do Brasil, Bernardo Vieira Ravasco, dedicado a seu irmão, Padre Antônio Vieira, e outro, em resposta, do próprio Padre a seu irmão. Ambos os sonetos, estão escritos com uma consoante forçada (neste caso a consoante **p**, formando sílaba átona com **a** e encerrando todos os versos).

A curiosidade que nos despertaram estes dois sonetos levou-nos a tentar analisá-los e atualizá-los, com a intenção de uma melhor compreensão dos mesmos. Assim, sem pretender fazer uma edição crítica, reproduzimos aqui os textos dessa edição diplomática e fazemos nossas observações a respeito, na esperança de que especialistas como o Prof. Francisco Topa, de Portugal, os professores Ruy Magalhães de Araújo, José Pereira da Silva, entre outros que entre nós se dedicam a este tipo de estudo, façam seus comentários e críticas construtivas com a finalidade de levar ao grande público a obra de autores consagrados, porém pouco lidos. É bem sabido que a obra de Gregório de Matos, e a de outros autores portugueses e brasileiros do período colonial, quase não está acessível ao leitor de hoje, o que nos parece uma perda para a cultura em geral.

Transcrevemos os dois sonetos, seguidos das notas e comentários que julgamos pertinentes.

Soneto

De Bernardo Vieira Ravasco Secret^o do Estado do Brasil.

A seu irmão o Padre Antonio Vieira

Consoantes forçadas

*Se queres ver do Mundo hum novo Mapa
Cytenta annos, atenta desta cepa⁴
por onde em ramos a cubica trépa⁵
e emmaranhada faz do tronco laja.⁶
Morde com dentes, que nam tem ca papa⁷
com a lingua fere, com a mam decépa
soldado opposto⁸, livre de carêpa⁹
que de tarde e manhaam rayvoso rapa¹⁰.
Os olhos de agua¹¹, as faces de tulipa¹²
e cada hum dos pés de pão garlopa¹³
a boca grande e, o corpo de chalupa¹⁴
Obofe muyto, e muyto pouca tripa¹⁵
e a minha Musa, por que a tudo topa
he Apa, Epa, Ipa, âpa, upa*

⁴ *cepa*: videira, tronco. Aqui em sentido figurado, família, linhagem.

⁵ *cubica trépa*: a cobiça trepa (sobe).

⁶ *laja*: laje ou pedra, abrigo, proteção.

⁷ *papa*: facilidade, moleza

⁸ *soldado opposto*: adversário, inimigo

⁹ *carêpa*: caspa (o autor usou circunflexo para efeito de rima, porém os dicionários consultados indicam que o o é aberto)

¹⁰ *rayvoso rapa*: corta com raiva

¹¹ *olhos de agua*: olhos aguados, chorosos

¹² *faces de tulipa*: faces da cor da tulipa, de cor purpúrea

¹³ *pés de pão garlopa*: pés semelhantes ao pau, à madeira da garlopa (garlopa é uma plaina grande). Observe-se o circunflexo em pés, embora já se tivesse realizado a crase dos ee.

¹⁴ *chalupa*: certa embarcação de vela com dois mastros

¹⁵ *Obofe muyto, y muyto pouca tripa*: muito pulmão (peito grande) e pouco ventre (barriga pequena)

Soneto

*Do Padre Antonio Vieira Em resposta
ao antecedente de seu Irmão freitos
mesmos consoantes.*

*Sobe Bernardo da Eternidade ao Mapa
deixa do velho Adam a mortal cepa¹⁶
pelo Lenho da Cruz¹⁷ ao Império trepa¹⁸
começando em Bethlem na pobre Lapa¹⁹.*

*Mais que Rey pode ser, e mais que Papa
quem de seu coração vícios decépa
que a grenha de Samsam, tudo he carêpa²⁰
e a guadanha da morte tudo rapa²¹*

*A flor da vida, he cor de tulipa
tambem dos secos annos he garlopa
que corta, como ao mar, corta a chalupa²²*

*Nam ha mister que o fosso, corte atripa²³
Se na parte vital ja tudo topa
he Ape, epa, ipa, opa, úpa.*

¹⁶ *do velho Adam a mortal cepa*: a humanidade, a vida na terra

¹⁷ *Lenho da Cruz*: a doutrina cristã, a salvação

¹⁸ *ao Império trepa*: sobe ao Empíreo, ao Céu

¹⁹ *começando em Bethlem na pobre Lapa*: alusão ao humilde nascimento de Jesus Cristo em Belém

²⁰ *que a grenha de Samsam, tudo he carêpa*: a cabeleira de Sansão, símbolo da força, tudo é caspa

²¹ *e a guadanha da vida tudo rapa!*: a gadanha (foice), símbolo da morte, corta tudo, não adianta a força de Sansão

²² *corta, como ao mar corta a chalupa*: a garlopa corta os anos (a vida) assim como a chalupa corta o mar

²³ *Nam ha mister que o fosso, corte atripa*: Não há necessidade que o fosso (a cova) corte a tripa (a barriga); nem há por que preocupar-se com isso.

ANÁLISE DOS POEMAS

Datação

Sabemos que o Padre António Vieira nasceu em Portugal em 1608, sendo seu pai Christovam Vieira Ravasco e sua mãe D. Maria de Azevedo. Ainda bem pequeno mudou-se com seus pais para o Brasil. Seu pai sabe-se que desempenhou a função de Secretário do Estado, cargo depois exercido por seu filho mais novo, Bernardo, até a sua morte.

Bernardo Vieira Ravasco nasceu na Bahia (Brasil) em 1617 e exerceu como Secretário do Estado, cargo anterior de seu pai. Escreveu vários trabalhos principalmente sobre administração e política coloniais. Seu nome é referenciado em manuais de história e de literatura coloniais. Nesta literatura, ele é considerado um dos primeiros escritores nascidos na colônia. Faleceu em 1697, no mesmo ano em que faleceu seu irmão António.

Com relação aos sonetos em tela, a única informação indireta de que dispomos é a que nos fornece Bernardo em seu soneto, ao referir-se a seus oitenta anos. Se realmente o soneto foi composto em seu octogésimo aniversário, isto ocorreu no mesmo ano de sua morte (1697), quando também faleceu seu irmão, mas este já com 99 anos.

Temática e imagística.

Bernardo faz um retrato de sua vida (o novo mapa), aos oitenta anos, a seu irmão, o Padre António Vieira. Inicialmente, relata suas falhas: cobiça, agressividade, raiva, etc., para logo fazer seu retrato físico, nada lisonjeiro: olhos d'água, faces de tulipa, pés de garlopa, boca grande, corpo de chalupa, muito bofe e pouca tripa. Porém nada disto o afasta da poesia. Sua musa (inspiração) está em ascensão.

A esta confissão de seus defeitos e fraquezas, responde-lhe o irmão com a elevação espiritual que lhe é peculiar, situando-o acima de rei e de papa, acenando-lhe com a eternidade e tecendo loas a suas qualidades morais, sobretudo a sua vitória sobre os vícios. O que a Bernardo se lhe assemelham defeitos, são para o irmão virtudes que o conduzirão à vida eterna.

Entre as imagens que permeiam os sonetos, encontramos quase todas as que caracterizam o período barroco. Assim, entre muitas outras figuras, verificamos a existência de palavras e expressões metafóricas como mapa, cepa, ramos, soldado oposto, lenho da cruz, gadanha, garlopa e fosso.

Estrutura

Trata-se de sonetos de versos decassílabos, com esquema rímico ABBA, ABBA, CDE, CDE. Ambos os sonetos vêm com a indicação de consoantes forçadas, ou seja, todos os versos se encerram com a mesma consoante. Nestes sonetos, todos se encerram com a sílaba átona **-pa**, o que é apenas um recurso formal, visto que não interfere na rima por tratar-se de sílaba átona.

Outro recurso gráfico usado pelos dois poetas é o deslocamento dos versos não-iniciais de estrofe em uns quatro centímetros. É apenas um recurso visual.

Ambos os sonetos empregam quase as mesmas palavras. As rimas são feitas em ambos entre substantivos em todos os versos, com exceção do 3º verso da primeira estrofe, do 2º da segunda e do 2º da última, onde a rima é feita com uma forma verbal. O verso final faz a rima com uma interjeição, implicando movimento para o alto.

Ortografia

Parece que os dois sonetos foram compostos quase no final do século XVII, já que os dois irmãos faleceram no mesmo ano (1697) e, pelas conjecturas expostas, pertenceriam a esse mesmo ano. Verificamos na ortografia, entre outras grafias do português arcaico, a permanência ainda de consoantes geminadas (annos, emmaranhada, opposto), assim como um caso de vogais iguais com a crase sem realizar (manhaam). O ditongo nasal tônico final ainda é grafado **-am** (irmam, nam, Adam, Samsam, coraçam). O fonema semivocálico [i] em ditongos decrescentes é geralmente grafado com **y** (Vyeira, deyxa, muyto, Rey, rayvoso. oytenta), porém freitos não segue a norma. Às vezes o artigo é grafado junto com o substantivo a que se

refere, como se observa nos conglomerados gráficos (Obofe, atripa). O numeral **um** recebe um **h** (hum), sem justificativa etimológica.

CONCLUSÃO

Verificamos que os dois sonetos trocados entre os irmãos Vieira, embora possam ser considerados exercícios lúdicos, não deixam de refletir a estética barroca e de transmitir valores da filosofia dominante, particularmente da conceição religiosa, tão bem representada pelo Padre António Vieira. O conceptismo, tão conhecido em sua obra sacra, não deixa de estar presente neste seu soneto, assim como no de seu irmão, que aqui se nos apresenta imbuído da mesma filosofia. Não podemos nem mesmo descartar o estilo cultista, em alguma ocasião condenado pelo Padre, mas que admitia não poder evitá-lo, dada sua força expressiva na época.

A seguir, apresentamos os dois sonetos com a grafia atualizada.

SONETO
DE BERNARDO VIEIRA RAVASCO,
SECRETÁRIO DO ESTADO DO BRASIL,
A SEU IRMÃO, O PADRE ANTÔNIO VIEIRA
CONSOANTES FORÇADAS

Se queres ver do mundo um novo mapa,

**oitenta anos, atenta nesta cepa,
por onde em ramos a cobiça trepa
e emaranhada faz do tronco lapa.**

Morde com dentes, que não tem cá papa,

**com a língua fere, com a mão decepa
soldado oposto, livre da carepa
que de tarde e manhã raivoso rapa.**

Os olhos d'água, as faces de tulipa

**e cada um dos pés de pau garlopa
a boca grande, o corpo de chalupa,**

O bofe muito e muito pouca tripa.

**E a minha musa, porque a tudo topa,
é apa!, epa!, ipa!, opa!, upa!**

SONETO
DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA,
EM RESPOSTA AO ANTECEDENTE DE SEU IRMÃO
FEITO COM AS MESMAS CONSOANTES*

Sobe Bernardo da eternidade ao mapa,
deixa do velho Adão a mortal cepa,
pelo lenho da Cruz ao Empíreo trepa,
começando em Belém na pobre lapa.

Mais que rei pode ser e mais que papa
quem de seu coração vícios decepa,
que a grenha de Sansão tudo é carepa
e a gadanha da morte tudo rapa!

A flor da vida é cor de tulipa,
também dos secos anos é garlopa,
que corta como ao mar corta a chalupa.

Nem há mister que o fosso corte a tripa,
se na parte vital já tudo topa.
É ape!, epa!, ipa!, opa!, upa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3ª ed. rev. e aum. V. 2. Rio de Janeiro / Niterói : José Olympio / UFF, 1986.

DICCIONARIO de la Lengua Española. 21ª ed. Edición electrónica. Madrid : Real Academia Española / Espasa Calpe, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.

MOREIRA, Maria Eunice. *Uma história singular: Eduardo Perié e a literatura colonial brasileira*. (Paper apresentado no XIII Encontro da ANPOLL).

NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. 7ª ed. Lisboa : Livraria Clássica Editora, [1970].

SILVA, José Pereira da. (Org.) *Poesias de Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro : UERJ, 1997.

VIANA, Mário Gonçalves. *Sermões e lugares selectos*: Pe. António Vieira. Porto : Educação Nacional, 1939.